

Os primeiros GÊMEOS

RICARDO E ROBERTO, IRMÃOS QUE PRODUZEM LEITE NO VALE DO CURRALINHO, EM BRAZLÂNDIA, NASCERAM E FORAM REGISTRADOS EM ANÁPOLIS. MAS SÓ PORQUE NÃO HAVIA HOSPITAL NO DF EM 1956

DA REDAÇÃO

A construção de Brasília acontecia ao mesmo tempo em que várias famílias encontravam ao redor da grande obra um lugar para chamar de lar. As que se aventuraram junto com Juscelino Kubitschek propagam e se sentem responsáveis pelo crescimento da cidade. A lei que pedia aprovação da área (por sinal, já delimitada) para o Distrito Federal foi aprovada no dia 19 de setembro de 1956. Três meses depois nasceram Ricardo e Roberto Alcântara, os únicos filhos homens do casamento de Maria Ana e José Luiz Alcântara. Eles seriam, então, os primeiros brasileiros? Não. Mas certamente são os primeiros gêmeos — apesar de terem nascido e sido registrados em Anápolis.

A mãe, Maria Ana, guarda uma cópia da reportagem de um jornal da década de 70 (que sequer consegue ser identificado) que registra o nascimento dos irmãos gêmeos — para surpresa dela, que só esperava por um. No livro *História de Brasília*, publicado em 1997, o médico e pioneiro Ernesto Silva crava que os meninos Ricardo e Roberto Alcântara são, de fato, os primeiros gêmeos. Que importa onde foram registrados? Em 1960, por exemplo, o IBGE revelava que apenas 5.918 pessoas haviam nascido no quadrilátero que formou o DF (52 pecuaristas). Ricardo e Roberto não abrem mão: estão entre esses.

Em dezembro de 1956 a construção ainda engatinhava e não existiam hospitais em Brasília — o primeiro só veio em julho de 1957, no Núcleo Bandeirante. José Luiz, o pai, conta que teve que levar a esposa da Granja do Torto, onde moravam, até a um hospital de Anápolis, Goiás, para que os gêmeos pudessem nascer. "Se existisse algum lugar para os meninos nascerem aqui, eu os tinha levado", ressalta. Hoje, Roberto e Ricardo são produtores de leite no Vale do Curralinho, a 18 km de

Fotos: Wenderson Araújo/Especial para o CB



RICARDO E ROBERTO ALCÂNTARA: BRASILIENSES COM ORGULHO, MAS NASCIDOS E REGISTRADOS EM ANÁPOLIS

Brazlândia. Saíram do Torto por conta da desapropriação dos quase mil alqueires de terra da família. Foi quase uma expulsão, lembra o pai. "Não tínhamos escolha e mal tivemos tempo para juntar todas as coisas", conta seu José Luiz.

Ricardo nasceu cinco minutos antes do irmão Roberto. Ambos têm lembranças muito diferentes da Asa Norte, onde o pai vendia leite. "Onde hoje é a W3 Norte só existia um poirão. E piorava quando passávamos com o jipinho cheio de galões de leite da fazenda para vender para os primeiros moradores daquela área", conta Roberto. "Lembro que tinha muito turco e japonês, a gente ouvia eles falando e não entendia nada, até chegávamos a pensar que ele estavam brigando quando conversavam".

A profissão passou de pai para filho e, hoje, os dois irmãos também tiram suas rendas da venda do leite. Em todo o DF, 2.412 famílias vivem da pecuária. "Ter visto tudo se erguer, mesmo sem entender a grandiosidade daquilo, me

deixa feliz por ter nascido e crescido na capital", diz Ricardo. Ele recorda que, ao ver os esqueletos de concreto do Congresso Nacional, não entendia nada do que estava acontecendo.

Ricardo e Roberto só começaram a frequentar uma escola em 1967, aos 11 anos, e cursaram a primeira série na escola 01 de Brazlândia, onde moram desde 1965. Com um sorriso no rosto, Ricardo lembra do dia em que viram o primeiro avião na região. "Corremos para o meio do mato, com medo. Acho que era um avião do Exército fazendo manobras, mas ficamos apavorados pensando que aquilo ia cair em cima de nós".

Entre as recordações estão os passeios à capital para vender leite com o pai e a primeira vez que assistiram televisão, aos 12 anos. Ricardo conta que todos se juntavam para assistir programas em uma única TV. "Na Copa do Mundo de 1970 eram cinco aparelhos em Brazlândia. Aquilo

nos marcou muito, foi um grande alvoroço", relata.

Com um dos pés nas origens goianas da família, a fazenda onde os irmãos tiram leite fica exatamente na divisa entre DF e Goiás, na DF-205 região Vale dos Anjicos, próximo ao Curralinho, onde o leite é vendido e os produtores ajudam a promover a festa do leite. Os dois têm 15 vacas leiteiras, todas tratadas carinhosamente pelo nome e que rendem, em média, 10 litros por dia cada uma. Tem o boi Judeu, a vaquinha Mourinha, a Vitória...

A família dos irmãos Alcântara espera a chegada da terceira geração. Roberto tem cinco filhos e aguarda ansioso a chegada do primeiro neto para o final deste ano. "Vai nascer no mesmo dia do meu aniversário, 14 de dezembro", torce. Mesmo longe do Plano Piloto de Lucio Costa e Oscar Niemeyer, várias famílias como a dos gêmeos Ricardo e Roberto foram fundamentais na construção da história de Brasília. Mesmo que apenas fornecendo leite.

ONDE NASCERAM:

No Hospital Evangélico de Anápolis

ORIGEM FAMILIAR:

Pai e mãe goianos

LEMBRANÇAS

DE INFÂNCIA:

"Do esqueleto do Congresso Nacional" (Ricardo) e "Das empoeiradas ruas da Asa Norte onde o meu pai vendia leite" (Roberto).

O QUE GOSTAM EM BRASÍLIA:

De ser parte da história da construção da capital. "Temos orgulho de ter crescido junto com a capital."